

UMA SANTA PARA HOJE

I - SILVIA CARDOSO, LEIGA, UM EXEMPLO PARA NÓS

No Ano da Fé, a nossa paróquia quer-nos apresentar o exemplo de uma leiga como qualquer de nós, que viveu a sua Fé com sinceridade através das vicissitudes da sua vida. O seu exemplo vai com certeza animar-nos. Ela acaba de ser declarada “venerável” pelo Papa Francisco, o que significa que a Igreja examinou as suas virtudes e reconhece que foram heróicas.

Sílvia Cardoso Ferreira da Silva, nascida em Paços de Ferreira em 1882 e aí falecida em 1950, morreu com virtudes que chegaram a um grau enorme, heróico, mas ela aprendeu a praticá-las pouco a pouco, como qualquer de nós pode fazer. Ela foi desenvolvendo as suas virtudes através das provas da vida, no seu diálogo quotidiano com Jesus, na Fé, na oração, reconhecendo nas provas a mão de Deus, e escolhendo o que lhe parecia ser a Vontade de Deus para ela, mesmo com grande sacrifício...

Sílvia nasceu numa família muito cristã. Os Pais eram exemplares na assiduidade à Igreja todos os Domingos e nas relações com o próximo. Sendo proprietários de quintas de cultivo em Portugal e de uma fábrica de açúcar no Brasil, tratavam com justiça e amabilidade os trabalhadores e não descuidavam as visitas aos pobres e doentes.

Sílvia aprendeu com eles desde criança. Muito cedo começou ela também a ir visitar os pobres com a Mãe ou com o Pai... Na sua juventude era frequente verem-na na Missa mesmo nos dias feriais... e o Pároco testemunha que a via passar com cobertores debaixo do braço para as casas dos pobres...

Mas a sua vida não teve só facilidades e encantos. Pelos vinte e poucos anos enamorou-se de um primo, oficial da Marinha, mas a perspectiva de um matrimónio com ele não agradava muito aos pais. Sílvia compreendia as razões dos Pais (nem sabemos se o primo lhe correspondia) mas custou-lhe muito ultrapassar este encanto, ao ponto de comparar este desapego com o martírio de S. Sebastião, cravado de flechas...

Seguiu em frente e, de acordo com o desejo dos pais, veio a aceitar o noivado com outro primo, o Dr. Acácio Umbelino Pereira da Silva, que era um jovem médico de excelentes qualidades, embora não fosse crente. Ela estimava-o muito e ele adorava-a. Unia-os já um grande amor pelos pobres, que eram muitos naquele tempo, antes, durante e depois da 1ª Grande Guerra... Este primo tinha o seu quarto com a porta diretamente para o jardim, para atender mesmo durante a noite qualquer pobre que dele precisasse, e foi o primeiro a pensar e a projectar com outro colega a criação do Hospital de Paços de Ferreira, precisamente para apoio aos pobres, o que mais tarde deu lugar à Santa Casa da Misericórdia naquela terra.

Sílvia já preparava com entusiasmo o seu casamento, e o noivo foi ao Brasil para fechar lá alguns negócios de família e se transferir definitivamente para Portugal. Adoeceu inesperadamente e, em pouco tempo, faleceu mesmo. Só teve tempo para se converter e para deixar a Sílvia todos os seus bens, para que ela pudesse continuar aquela missão que ele já intuía e admirava nela, a de ser um anjo na terra ao serviço de Deus e dos necessitados.

Sílvia não pensa mais em casar, mas também não sabe o que Deus quer dela para além da vida de família com seus Pais e irmãos, até que em 1917, para ajudar uma amiga a orientar-se numa

encruzilhada da vida, vai com ela a Tuy (na Espanha, porque os Religiosos tinham sido expulsos de Portugal pela 1ª República) fazer um retiro para senhoras, pregado por um Padre jesuíta. É neste retiro que Sílvia reconhece a providência de Deus na morte do noivo e descobre o grande amor do Coração de Jesus. O seu carácter generoso abraça este novo amor, ao qual se consagra para sempre.

Mas não sabe o que Deus quer dela. O P. Jesuíta, que começa aqui a ser seu director espiritual, é de parecer que não seja indicada para a vida religiosa, mas sim para colaborar com Deus na vida laical, pondo ao Seu serviço a sua pessoa e os seus bens. E é o que Sílvia fará toda a vida, sem nunca atenuar a sua atenção à Vontade do Senhor, mas pelo contrário, procurando sempre amá-Lo e servi-Lo mais e melhor.

Vemos desenrolar-se o percurso desta vida numa busca e atenção constantes, com humildade, sem visões nem deslumbramentos, num caminho de fé que nos impressiona... e que dá lugar à caridade heróica, que nos é agora apontada como exemplo pelo Papa Francisco.

Como vamos ver, Sílvia é modelo para nós enquanto se deixa captar até ao fundo pelo amor salvador de Jesus e lhe corresponde com todo o ardor da sua natureza generosa e comunicativa; Enquanto leiga exemplar na sua colaboração com a Hierarquia, na liberdade de iniciativa pessoal e na sua capacidade associativa, o que exercitou particularmente na Obra de Retiros para Leigos e nas Obras de Solidariedade Social. É nosso modelo principalmente enquanto se apercebe de que a Obra de Jesus é a “Obra do Amor”, uma Obra unitária e universal, que devemos ter sempre presente e procurar realizar todos unidos.

II - QUE QUERES DE MIM, SENHOR?

Naquele retiro em Tuy, em Março de 1917, o Padre António Vaz Serra, jesuíta no exílio, revela a Sílvia todo o encanto do amor de Jesus pelas almas, com tal eficácia que Sílvia faz a sua consagração ao Coração de Cristo, e no dia 1 de Abril formula intimamente um voto de castidade.

No seu Diário, ela descreve este dia do seu «voto de pureza» como aquele em que «a sua felicidade teve início», caracterizado por uma «consolação sem igual» e uma «paz como nunca tinha experimentado, sentindo-se fora de si».

O sacerdote reconhece que ela não é destinada ao matrimónio, mas às «obras de Deus»; Jesus quere-a «apóstola».

Naturalmente, Sílvia pergunta-lhe agora: como? onde?

O P. Vaz Serra tem uma ideia precisa, como ele mesmo conta: «Propus-lhe a fundação de uma obra muito necessária em Portugal, onde há muita ignorância e preconceitos contra a Igreja e particularmente contra as Congregações religiosas». O Padre refere-se à obra de retiros para leigos, que os Jesuítas sempre conduziram na Igreja desde a sua fundação em 1534, meio excelente de formação através da meditação orante dos Evangelhos e da sua aplicação à vida pessoal.

Sílvia, movida agora pela própria experiência, ofereceu imediatamente a sua disponibilidade de pessoa e bens. Mas – continua o P. Vaz Serra - «não tinha ainda chegado a hora de Deus». Os

Jesuítas tinham sido expulsos de Portugal pelo movimento anticlerical na implantação da República, e não tinha chegado ainda a hora de regressar. Por isso, o Padre escreveu de Espanha a Sílvia que «empregasse os seus recursos disponíveis e a sua actividade naquilo que Nosso Senhor lhe inspirasse».

Entretanto o amigo do Dr. Acácio, o Dr. Joaquim Leão de Meireles, tinha continuado a construção do hospital em Paços de Ferreira, tanto mais necessário quanto o Estado ainda não providenciava à assistência pública, nem a vila era dotada de «Casa da Misericórdia». Os pobres eram deixados à caridade individual, em que Sílvia e o noivo generosamente se ocupavam.

O pai de Sílvia adoece e morre no início de 1918. O Dr. Meireles também adoece e morre em Março de 1918, sem ter conseguido terminar e inaugurar o hospital. É ele mesmo que, ao morrer, exclama: «Só Sílvia pode continuar esta obra!».

Em 1916 Portugal tinha entrado na I Guerra Mundial, com todas as consequências, particularmente a “febre espanhola”, que Sílvia se apressa a socorrer entre os pobres de Paços de Ferreira, acabando por apanhar o contágio entre Outubro e Novembro de 1918. Este contacto com a morte impressiona-a decisivamente, pois vê «que ainda não tinha feito o que devia fazer pelas coisas de Deus». E ainda convalescente começa a dedicar-se intensamente à caridade e ao apostolado. É nesta altura que o Pároco P. António Ferreira Pombo, lança a iniciativa da «Sopa dos pobres». Sílvia é a presidente da Comissão de senhoras, que inaugura este serviço no 1º de Dezembro de 1918 com 42 beneficiados.

Mas a primeira obra institucionalizada de Sílvia será agora o Hospital de Paços de Ferreira. A ele se dedicará imediatamente, de alma e coração, consciente de continuar o projecto do noivo. À Associação fundada com este objectivo e conduzida pelo Dr. Meireles até à morte, Sílvia oferece tudo o que é necessário para a instalação e funcionamento do Hospital, cuja construção estava ultimada, tornando possível a sua inauguração a 15 de Janeiro de 1919, por ocasião da festa e feira de Santo Amaro, festividade local. Sílvia oferece também a aparelhagem médica do Dr. Acácio e o sustentamento do hospital nos primeiros seis meses, utilizando a herança do noivo.

A CRECHE

Havia então muitas crianças pobres, algumas delas órfãs da 1ª Grande Guerra e Sílvia observa que as caves do Hospital estão livres. Começa pois a recolher ali essas crianças e a sustentá-las com os produtos das suas quintas. O número de meninos aumenta rapidamente, o rendimento das quintas já não basta, e Sílvia cria uma Comissão de Senhoras, que irá ajudá-la nas colectas para o sustento deles.

Em breve compra à sua custa uma vila ampla, junto do Hospital, para instalação definitiva da Creche, com 50 meninos, aos quais já oferecia duas refeições diárias. Organiza então peditórios nas feiras do concelho de Paços de Ferreira. O primeiro grande peditório para a Creche tem lugar na feira anual do Cô em 5-1-1921. Segue-se a feira anual de Freamunde. Ela mesma percorre estas feiras de lés a lés, pedindo aos feirantes, acompanhada dalgumas crianças, e fará isso toda a sua vida.

Ao lado da Creche, Sílvia cria um Colégio para meninos que podem pagar, e deste modo oferece escolaridade gratuita também às crianças da Creche. Confia ambas as instituições às Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, como já tinha feito no Hospital.

Na 2ª República, Sílvia integra a Creche no novo regime de Assistência Pública, pedindo a isenção de impostos sobre as suas propriedades, cujo rendimento era todo destinado à Creche, e não bastava... Os meninos já eram 100 e provinham de todo o País.

III - A OBRA DOS RETIROS

Em 1923 a situação política já permite que os Religiosos comecem a regressar a Portugal, e o P. António Vaz Serra, que continua em contacto com Sílvia, pode agora solicitar de novo a sua ajuda para relançar a Obra dos Retiros para Leigos, interrompida em 1910 com a expulsão dos Religiosos. Nem podia encontrar pessoa mais disponível e generosa para esta empresa!

Com o dinheiro que lhe vinha do Brasil, da herança do noivo, Sílvia prepara assim a 1ª Casa de Retiros, que abre em Sequeiros (Penafiel). O seu 1º director é o próprio P. António Vaz Serra, que a tinha proposto. Sílvia colabora arduamente, não só no sustento da Casa e no seu governo, mas também nas actividades espirituais, como o convite dos exercitantes e o seu acompanhamento na oração e nos conselhos, durante e depois dos retiros.

Em 20 meses foram dados nesta Casa retiros a 1.119 pessoas, distribuídas por 33 grupos, compreendendo ora senhoras, ora cavalheiros, ora camponesas e empregadas domésticas, ora estudantes, ora professores e médicos, enfim...de todas as categorias sociais. Como fará mais tarde a Acção Católica, Sílvia procurava formar grupos homogéneos, para que a aplicação do Evangelho à vida fosse mais eficaz. O P. Vaz Serra conta que foram “inumeráveis e extraordinárias as graças de conversão e de santidade que N. Senhor concedeu naquela Casa abençoada”.

Não faltou também a oposição do Inimigo e a Casa teve de fechar, para reabrir pouco depois em Granja (Baltar), onde o fruto se intensificou ainda mais.

Nesta segunda Casa, Sílvia já não dispõe de um director dos Exercícios, e é ela quem convida o sacerdote que lhe parece mais adequado, umas vezes um Religioso, outras um diocesano.

O Padre Manuel Moreira Neto, diocesano, testemunha que “se sentia bem no ambiente e quase se tocava a influência irradiante e contagiosa da sua alma de apóstola, que vivia só para Cristo”. Estava sempre atenta a tudo e a todos, no meio do movimento do retiro, com uma simplicidade que encantava. Acompanhava os exercitantes com uma oração assídua, e a adoração prolongada pela noite adiante. Os casos mais diversos e difíceis vinham ter com ela, ou ela ia ter com eles, procurando sem descanso uma solução humana e cristã.

Tinha o talento de associar parentes e amigos para colaborarem com ela no governo da Casa e também na animação espiritual.

O seu objectivo era a renovação da vida cristã pessoal e social, e conseguia-o de maneira notável. Esta Obra dos Retiros preparou por toda a parte o início da Acção Católica, que tinha em vista a colaboração dos leigos na realização do “Reino Social” de Cristo, ou seja, fazer com que a Fé saísse da esfera privada para as estruturas da vida social. Mais tarde, no Processo de beatificação, o próprio bispo da Acção Católica, Dom António dos Reis Rodrigues lhe reconhece este valor, e chama a D. Sílvia “precursora em vários aspectos, pelo espírito missionário que imprimia a todas as suas empresas e pela audácia que a levava a iniciativas apostólicas aparentemente impossíveis”.

À casa da Granja sucede a de Quintela e a de Campanhã, na Rua do Falcão, que já perto do fim da vida de Sílvia, o Bispo do Porto entrega à Acção Católica.

Entretanto, por instância dos respectivos prelados, Sílvia promove retiros em diversas dioceses: em diferentes localidades de Coimbra, em Braga, Viana do Castelo, Ponte de Lima, Valpaços, Moledo, Chaves, Boticas, Carrzedo de Montenegro, etc; nos hotéis de Vidago e Pedras Salgadas, fora das épocas balneares; e no Alentejo, em Évora, Elvas e Estremoz, a pedido de D. Manuel Mendes da Conceição Santos.

Quando Pio XI publicou em 1929 a Encíclica “Mens Nostra” sobre os Exercícios Espirituais para Leigos, já Sílvia tinha realizado centenas deles.

Em Elvas, os retiros tiveram tanto êxito que Sílvia abre uma Casa, a pedido do Arcebispo, que depois confia à fundadora das Irmãs Concecionistas ao serviço dos pobres, pois o Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, chama-a para lhe entregar a direcção da Casa de Retiros da Quinta do Bosque, na Amadora, comprada pelo Patriarcado para retiros e conferências da Acção Católica, na sua preocupação de formar um laicado maduro, à altura dos desafios daquele tempo.

Ao mesmo tempo continuavam os retiros na casa da Campanhã, no Porto. E, quando Sílvia deixa à sobrinha Maria José a direcção da Quinta do Bosque, vai ela dar início ao Patronato de Espinho, onde, além da obra social, organizará ainda muitos retiros.

Mantém o interesse pela organização dos retiros até ao fim da vida. Testemunha-o o P. João Augusto Gonçalves, quando diz:

«Ela não quis terminar a sua vida, quando já estava muitíssimo mal e já ia para o hospital, já desesperada, sem dar dois retiros. Um a homens, outro a senhoras... Um dia fui surpreendê-la a subir de gatinhas a escada íngreme que dava para a capela... agarrada aos degraus e às grades, a subir, porque não tinha força já para subir direita»¹.

IV - Sílvia e a Mensagem de Fátima

Mesmo sendo leiga, Sílvia tem ardente desejo de progredir na vida espiritual, e chega-lhe notícia de que o bispo auxiliar da Guarda, D. João de Oliveira Matos, começa a reunir alguns leigos para os entusiasmar na espiritualidade e no apostolado. Serão os “Servos de Jesus”. Sílvia vai fazer um retiro com ele na Guarda, e torna-se uma das primeiras “Servas”, já em 1925.

Estes “Servos de Jesus” eram convidados a inserirem-se nas obras paroquiais ou diocesanas, para por sua vez as animarem. E é assim que Sílvia vai inserir-se na *Liga de Acção Social Cristã*, no Porto, que tem como assistente nacional o P. Sebastião Pinto da Rocha, SJ.

Este sacerdote, animado pela Mensagem de Fátima, funda nesta Liga um núcleo chamado *Obra de Adoração e Reparação*. Sílvia adere a este núcleo. E em Abril de 1928, vai mais longe: após um retiro com o P. Sebastião Pinto da Rocha SJ, Sílvia faz o seu “voto de vítima”, que vai dar nova luz e intensidade à sua consagração.

¹ *Uma vida para os outros, Sílvia Cardoso. Testemunhos dos seus contemporâneos*. Ed. da Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 1998, p. 211, nº 28.

A partir daqui, Sílvia penetra mais profundamente na mensagem de Fátima. **O seu objectivo passa a ser a conversão dos pecadores**, ou – como ela lhe chama – a “Obra de Jesus”, a “Obra do Amor”. Gostaria mesmo de fazer parte de um grupo de missionárias, enviadas por Maria em missão salvadora por todo o Portugal. Como a Virgem enviada do Céu à Cova da Iria, ela vê-se enviada ao encontro das pessoas para as levar a Jesus, colaborando na “nova Redenção” oferecida por Deus à humanidade com as aparições de Maria.

Como virá a experimentar particularmente nas missões no Alentejo, “ir às almas, abrir-lhes a porta para Jesus” – escreve Sílvia no seu Diário – essa será a sua *coroa de espinhos*, a sua cruz.

O desejo desta “Filha da Cruz” (como Sílvia chama a si mesma) é ser “missionária do Coração de Jesus e de Maria”, é ser enviada por Maria “mensageira do Amor”, e é o que efectivamente ela fará toda a sua vida até ao limite das suas forças. Ela é “vítima” não só nas longas horas de adoração nocturna, mas também nas exigências da vida apostólica itinerante. Para ela não há cama certa e cómoda, não há horas de comer nem menu completo, nem a proteção de um hábito religioso ou o apoio de uma comunidade. Por isso ela fica no estado laical. Mas o seu carácter vivo, leal e afectuoso, aliado a uma espiritualidade sincera e profunda, proporcionam-lhe grandes amizades que ela associa para o serviço do Senhor.

Em todas as obras que ela empreende há grupos de amigas que colaboram. Ela lança a obra, arranja colaboradores, assegura a organização, mas não se confina aí; já há outra necessidade que chama por ela. Também não abandona a obra iniciada; continua a apoiá-la com visitas e cartas, para que possa desenvolver o seu fruto. Incentiva até e apoia as amigas, para que no regresso às suas terras façam outro tanto.

Acontece ainda frequentemente que a chamem para ajudar a encaminhar obras de outros. Reconhece-se como um “furão”, que abre caminhos onde outros ficarão obreiros estáveis. Ajuda a lançar, a vitalizar, a organizar. E, na verdade, fez isto por quase todo o Portugal, desde Minho e Trás-os-Montes até ao Alentejo.

V- Missionária na cidade

O Papa João Paulo II insistiu muito na necessidade de sermos todos “missionários na cidade” e, sendo ele o bispo da diocese de Roma, recordo-me que em Roma as paróquias organizaram uma campanha nesse sentido. Os cristãos mais assíduos fomos convidados a formar equipas, uma para cada zona da cidade, para irmos de casa em casa oferecer uma pequena edição do Evangelho, e procurar ter uma conversa simples e cordial sobre a Fé com a família visitada e a sua relação com a igreja local, num gesto de acolhimento fraterno.

Sílvia Cardoso dá-nos um extraordinário exemplo desta acção missionária na cidade, que é contado pelas testemunhas no seu Processo de beatificação, particularmente em Elvas quando ia ao mercado convidar homens para o retiro do Sr. Arcebispo, dialogando com cada um deles, mesmo os mais improváveis, a quem todavia conseguia convencer, ou nas visitas pela cidade de Lisboa, ou em Espinho...até as forças lho permitirem, com uma generosidade incansável.

Nestas visitas, ela tomava conhecimento de muitas necessidades do corpo ou da alma, do indivíduo ou da família, que em seguida ia procurar ajudar a resolver. Este apostolado individual foi mesmo o ponto de partida para as Obras que fundou, quer nos Retiros, quer nos Patronatos, onde procura

resolver problemas (materiais e morais) superiores às suas forças, contando com a Providência Divina, ao serviço da qual tinha colocado a sua vida e os seus bens.

É elucidativo o testemunho do Major Vaz Osório, dirigente dos Escuteiros e seu colaborador no Norte:

«Quantas almas ela arrastou para uma verdadeira conversão! A sua contagiante convicção, a sua inteligente e cerrada argumentação, levava de vencida a hesitação, a frieza, o retraimento, a vergonha, as desculpas de pessoas de cotação social mais elevada, a quem ela procurava, para os chamar ao cumprimento da lei de Deus, a uma vida cristã mais perfeita.

Onde houvesse uma alma arredada do amor de Deus, ou em perigo moral, ou já chafurdada na lama, aí estava D. Sílvia com a sua compaixão, com o seu amparo, a dar-lhe a mão para a encaminhar para os braços do Redentor. A tudo procurava dar remédio: às misérias morais e às misérias físicas também.»².

VI – Socorro dos necessitados

A obra social de Sílvia, iniciada em Paços de Ferreira com a instalação do Hospital e a criação da Creche, vai continuar ao longo da sua vida, em paralelo com a Obra dos retiros, na fundação ou na ajuda a Patronatos em várias cidades, como Penafiel, Amadora e Espinho. Onde a necessidade urge, Sílvia não se faz esperar. Dá do que tem, entusiasmo a generosidade dos outros e tem até talento para atrair a atenção e cuidado das instituições públicas. Para ela, o corpo e a alma estavam essencialmente unidos, e era frequente que convidasse para um retiro pessoas a quem tinha oferecido ajuda material, certa de que a nossa maior riqueza é o amor de Deus.

É ainda o Major Vaz Osório quem nos conta:

«Onde houvesse um lar em dificuldades, um chefe de família doente ou desempregado, um casal desavindo em risco grave de separação, uma viúva sem recursos para sustento de seus filhos, uma rapariga em perigo moral, um doente grave em vida irregular, e tantos outros casos carecidos de solução rápida, ali aparecia D. Sílvia a compor vidas, a socorrer com a sua bolsa, a servir-se do seu prestígio, das suas influências junto das entidades oficiais ou particulares, e tudo se ia reparando.

A casa da Amadora...onde ela albergava, à sua custa e com a colaboração de pessoas amigas, o que ela, com graça, chamava o seu “lixo”, esses casos difíceis, bem poderia, se lhe fosse dado falar, narrar os verdadeiros milagres obtidos para a felicidade material e espiritual de tantas almas aflitas»³.

Uma das suas colaboradoras em Lisboa, Mafalda Vaz Pinto, dirigente da Conferência Vicentina, confirma:

«A sua caridade era contínua: não a deixava repousar, e impelia-a a abrir-se a toda a espécie de casos que se lhe apresentavam, particularmente as crianças abandonadas pelas famílias, as pessoas desempregadas e os lares em discórdia». Saber de alguém desempregado era uma aflição para Sílvia.

² Id. , p. 146, nº 6.

³ Id., p. 247, nº 31.

VII – O Amor em Obra

É desde 1928, quando faz o seu “voto de Vítima” que Sílvia se refere continuamente à “Obra de Jesus”, ou “Obra do Amor”, exprimindo o seu grande desejo de que a Igreja se aperceba de ser portadora desta Obra de Amor, que requer que o Amor seja posto em Obra por todos nós, com solicitude e união... Por isso, na Quinta do Bosque, na Amadora, onde havia muitos espaços desaproveitados, ela reúne progressivamente várias obras. Além da Casa de retiros, procura dar solução a graves problemas de carácter social: a infância abandonada, a mulher desamparada, a jovem em risco...

Tudo junto na mesma Quinta cria alguns problemas, e o Cardeal Cerejeira graciosamente chama a esta Obra complexa “o caixote do lixo da D. Sílvia”. Mas ela deseja conscientemente criar uma “Obra de protecção para todos”, que manifestasse o Coração de Jesus, o seu Rosto. Tem a preocupação de tornar visível a comunhão que une todos os agentes da evangelização.

Não encontrou o meio mais adequado para provocar tal visibilidade, que seria já na pastoral post-conciliar a criação dos Conselhos Pastorais junto ao Bispo e ao Pároco. Tampouco pôde teorizar o que a Caritas só hoje começa a propor-se: a união *transversal* de todas as Obras e Movimentos, para acudir às necessidades com real amor e eficácia. Mas para ela era claro que esta era a *meta da evangelização*, era a Obra de Jesus, era o Seu Amor em Obra na vida dos cristãos.

D. Sílvia é assim exemplo para nós no *ardor* hoje requerido pela pastoral da “NOVA EVANGELIZAÇÃO”; e por muitos dos métodos que espontaneamente utiliza, levada pela sua grande humanidade, CARIDADE e intuição das coisas.

PODEMOS APRENDER COM ELA:

- A grande importância que a Palavra de Deus teve na sua vida, através dos retiros para leigos, que foram naquele tempo um “excelente meio de catequese de adultos” (como dizia D. João de Oliveira Matos, que fundou ele próprio uma Casa de Retiros para Leigos, na diocese da Guarda).
- O seu ardor missionário, que a faz sair de casa e *ir ao encontro* de quem se encontra em necessidade espiritual ou material, sem se poupar;
- A sua forma de contacto ousado, mas simples e humilde;
- A sua linguagem, que brota de um coração sensível e sinceramente solidário;
- A sua capacidade de se associar a outros para encontrar respostas válidas para os problemas do seu tempo;
- E finalmente a sua percepção de que a Obra de Jesus só se realiza na Comunhão, numa comunhão *visível*, que *revele* o Rosto de Jesus e origine um *mundo novo*, uma nova cultura.